

Apresentação

Este número da *Itinerários*, 34, tem como tema a dramaticidade na literatura. A ementa ao tema mostrava que não se tratava, especificamente, de ter como *corpus* do artigo o texto teatral, mas de examinar a ocorrência do modelo dramático em narrativas, em prosa ou em verso, por diversos meios, como a espetacularização da escrita.

Em “O riso difícil, uma leitura de *A falecida*, de Nelson Rodrigues”, Elen de Medeiros examina a dramaturgia rodriguiana, frequentemente associada à forma trágica e ao sentimento de tragicidade vistos como inerentes à literatura e às personagens típicas do autor. Aborda – apoiada em estudos teóricos como os de Bergson e Propp – elementos cômicos coexistentes com o trágico, mas subordinados ao último. Tal modo de ver explica o motivo pelo qual essa peça de Nelson foi, em algum momento, rotulada de “farsa trágica”.

“Aspectos formais inovadores em Jorge Andrade: em contraponto com Tchekhov”, de Larissa de Oliveira Neves Catalão, focaliza a obra do dramaturgo brasileiro, levantando e analisando alguns aspectos formais de suas peças que constituiriam inovações na literatura dramática do Brasil na segunda metade do século XX. Para ressaltar as características inovadoras, compara determinadas particularidades de Jorge Andrade com marcas – como o tratamento do tempo e a postura das personagens – também consideradas inovadoras da dramaturgia de Tchekhov que destaca situações existenciais e sociais. O trabalho revela os princípios articuladores da criação textual dos dois autores.

Alexandre Bebiano de Almeida, em “O teatro de Beckett e as velhas questões”, retoma a questão sobre como interpretar *Fim de partida* de Samuel Beckett. Inicialmente, a crítica associou o texto ao teatro do absurdo e à filosofia existencialista. Tendo Adorno como embasamento, o articulista supõe que a peça é, na verdade, uma paródia do teatro e da filosofia existencialistas, constituindo uma crítica ao discurso conceitual ou filosófico.

“*Andromaque*, de Jean Racine: duas leituras”, de Guacira Marcondes Machado e Norma Domingos, examina essa obra-prima do teatro clássico francês de 1667 de acordo com os princípios da doutrina clássica, constituída, na França, entre 1620 e 1660. As autoras efetivam ainda a leitura de uma das análises realizadas pela crítica literária do século XX, a de Roland Barthes em *Sur Racine*, de 1963, que subverte a interpretação feita conforme a doutrina clássica.

Em “Do dramático ao épico: a presença da tragédia na *Argonáutica* de Apolônio de Rodes”, Fábio Gerônimo Mota Diniz discute a relação entre o poema épico –

do período helenístico – *Argonáutica* do poeta alexandrino Apolônio de Rodes e tragédias gregas que o precedem. Para o autor, as tragédias, bem como a poesia homérica constituem fonte importante para abordagem do mito e para a narrativa de Apolônio. Ademais, determinados recursos expressivos de que Apolônio lança mão apresentam proximidade das tragédias de Eurípides e Êsquilo.

“Ao queimar dos reinos: Sardanapalo no teatro e na pintura do romantismo”, artigo de Fernanda Verdasca Botton e Flavio Felicio Botton, destaca-se pela proposta de comparação entre duas linguagens, tendo como fundamento a figura do herói. De um lado, temos o protagonista do texto teatral escrito por Lord Byron, *Sardanapalus*: a tragedy de 1821 – baseada no historiador grego Diodorus Siculus –; e, de outro, Sardanapalo, protagonista do quadro de Eugène Delacroix *A morte de Sardanapalo* de 1827. Por meio da análise de cada uma dessas produções e da aproximação de uma a outra, o artigo realiza um estudo centrado na interdisciplinaridade.

O artigo de Ana Luiza Silva Camarani, “Frenético e melodrama: os vampiros de Polidori e Nodier”, investiga a trajetória de acomodação e divulgação do romance gótico na França, devida especialmente a Charles Nodier. A autora postula que a união do frenético ao melodrama deixa ver duas tendências literárias bastante fecundas no romantismo francês, que se irmanam ainda por responderem aos anseios de um público fatigado por séculos de racionalismo e ávido por toda espécie de sensações e sentimentos.

Em “A dramaticidade da poesia não dramática de T. S. Eliot: *The waste land* e outras observações”, André Cechinel dedica-se à leitura de *The waste land* e, amparado também pela leitura de textos críticos do próprio Eliot, defende a ideia de que a poesia não dramática do poeta revela um desejo constante de conferir concretude imagística aos versos a fim de assegurar a dimensão teatral dos episódios apresentados.

O artigo “O teatro da escrita em Fernando Pessoa” mostra o entendimento que seus autores, Flávio Rodrigo Penteadó e Caio Gagliardi, têm da dramaticidade na literatura, destacando a concepção pessoana de drama, investigada, todavia, em seus textos em prosa.

Tomando como *corpus* contos recentes do escritor e dramaturgo americano Sam Shepard, Ricardo Sobreira, no artigo “Efeitos de dramaticidade no conto literário”, analisa como procedimentos narrativos – narração em modo dramático e estilo paratático – e traços genéricos ditos teatrais (solilóquio, didascália) imbricam-se na estrutura narrativa do conto literário a fim de produzir efeitos de dramaticidade.

A seção *Varia* é composta por dois artigos. O primeiro, de José Alonso Tôrres Freire, intitulado “Machado de Assis: o retorno para o leitor contemporâneo”, comenta romances recentes que fazem de Machado de Assis personagem ou, em outros casos, que releem/reescrevem seus personagens, como Capitu, compondo

uma espécie de “guia de leitura” que articula as obras-primas de Machado às narrativas contemporâneas. O segundo, “Do existencialismo em Mário de Sá-Carneiro: uma breve visada sobre ‘Dispersão’, ‘Além-Tédio’, ‘Serradura’ e ‘Fim’”, de autoria de Maria Elvira Brito Campos e Luizir de Oliveira, trata da poesia do português Mário de Sá-Carneiro, especialmente aquela que versa o tema da morte sob a perspectiva da filosofia sartriana, revelando a “dramaticidade intrínseca” a sua poesia e, assim, aproximando-se da temática geral deste volume, que se encerra com a resenha de José Antonio Segatto, “Dialética e literatura”, sobre o recentíssimo livro de Roberto Schwarz, *Martinha versus Lucrecia* (2012).

Esperamos, mais uma vez, contribuir com textos de elevada qualidade para os estudos literários, desta feita relativamente às possibilidades de presença da dramaticidade não apenas em peças teatrais.

Maria Célia Leonel
Márcia V. Z. Gobbi

